

Embelezamento do Campus

A idéia de embelezamento do campus pode ser traçada ao início da educação convencional. Embora nem toda instituição o considere como parte importante do plano total, o ajardinamento paisagístico tem-se provado de extremo valor para a experiência da aprendizagem.¹

Logo depois do Jardim do Éden, os lugares lindos não foram feitos mas sim descobertos — uma clareira na floresta, um vale cercado por montanhas ou uma ilha rodeada de água azul esverdeada. Nos escritos mais antigos, tais lugares eram naturais, e não era necessário qualquer esforço para mantê-los. Os nomes destes lugares geralmente indicavam a sua localização: bosque, paraíso, parque, jardim, deserto e campina. Quando os seres humanos encontravam tais lugares, sentiam-se diferentes por causa da atmosfera que os rodeava. Muitos escolhiam viver em tais lugares por causa da sua beleza natural.²

Dada esta tendência pela maior parte da raça humana, não é surpreendente que ao desenvolverem escolas e universidades, eles aprenderam o valor de embelezar tais lugares de aprendizado com aquilo que é belo. Infelizmente, nem todo líder educacional tem se conscientizado deste fato e nem todo campus tem beleza ao seu redor.

Por muitos anos as coisas materiais da educação, tanto dentro como fora, receberam muito pouca atenção. Os educadores pensavam que o ambiente era secundário no processo de aprendizagem. Para os antigos gregos, a escola era o local onde o professor e o aluno estivessem num dado momento. Frequentemente o local era ao ar livre, sem qualquer prédio.³

Antigos lugares de beleza

O significado original da palavra “academias” refere-se ao bosque de árvores plantadas em honra a Academus,

no século IV a.C., na Grécia. Ali Platão e Sócrates, abrigados contra o agressivo sol da Grécia, reuniam-se à sombra de uma oliveira com outras pessoas de mente inquisitiva para discutir sobre a natureza da existência.⁴

A história relata que quando os romanos chegaram à Inglaterra, eles comentaram sobre os bosques usados pelos Druidas para o estudo. Fora das paredes da cidade de Atenas encontram-se os bosques da Academia (um recinto com túmulos e monumentos espalhados por aqui e ali) — um dos mais antigos recintos para o estudo. A qualidade natural e sem esforço humano do bosque reaparece no decorrer dos séculos e parece haver marcado a paisagem como o lado natural da arte.⁵

Desenvolvimento medieval

Jardins, ou ajardinamento paisagístico dentro do contexto do ambiente acadêmico dos tempos

medievais, apareceram primeiro em Oxford e Cambridge, onde os jardins e áreas de ajardinamento paisagístico faziam parte do quadrângulo do campus.

Durante o período medieval, o quadrângulo expandiu-se até o campus colegial inglês. Este período trouxe o desenvolvimento de uma comunidade com prédios específicos para viver, aprender e adorar. Os prédios encontravam-se num só recinto conhecido como pátio.⁶

Batey, comentando sobre os jardins de Oxford e Cambridge, salientou que estes providenciavam a inspiração necessária para o desenvolvimento do intelecto.⁷ Ela encontrou relatos promovendo os jardins como sendo necessários para atingir excelência no treino. Os professores e alunos gastavam longas horas sentados nos jardins contemplando as coisas ao seu redor. Os jardins eram considerados uma fonte de inspiração e parte integral da filosofia da

simplicidade e excelência — tanto para alunos como para professores. Batey assevera que os jardins eram mais essenciais para as universidades do que bons professores.

O século XVIII

Com a exceção de Oxford e Cambridge, poucas universidades na Inglaterra tinham qualquer conceito real de embelezamento de campus. Lancelot Brown (1716-1783) desenvolveu o conceito de possibilidades. Ele dizia que todo local tinha possibilidades. Procurou desenvolver em sua mente as possibilidades para cada local. Através de desenho simples, aberto, Brown procurou desenvolver o espírito ou sentido de cada lugar. Por esta razão ele ficou sendo conhecido como o maior artista de ajardinamento paisagístico da sua época.⁸

O conceito de Jefferson

Thomas Jefferson desbravou um novo tipo de escola baseado num conceito humanístico da sociedade. Camponês de origem e por vocação, Jefferson expressou durante toda sua vida grande aversão pela cidade e preferência pela vida rural. Ele acreditava que aqueles que trabalhavam com a terra eram povo escolhido de Deus. Onde quer que Jefferson fosse, ele procurava fazer o ambiente mais belo.⁹

Agindo como educador e arquiteto, Jefferson criou um novo tipo de escola. Denominava-a de sua *Academical Village* (vila acadêmica). Ele procurou tirar a escola da agitação, das tentações e dos conflitos da cidade. Quando Jefferson fundou a Universidade de Virgínia em 1817, ele a estabeleceu cerca de uma milha distante da pequena vila de Charlottesville.

Nova conscientização sobre ajardinamento

Por volta do século XIX, o ajardinamento paisagístico deixou de desenvolver as possibilidades naturais e começou a acrescentar elementos artificiais. Humphry Repton (1752-1818) introduziu elementos tais como fontes, estufas para plantas, canteiros de flores, terraços e passeios a fim de suavizar os

*Para o benefício de cada aluno que
gasta milhares de horas
impressionáveis no ambiente do
campus, o ambiente deve ser
planejado para o máximo de
adaptabilidade, utilização,
economia e beleza.*

desenhos naturais típicos do século XVII. No final do século XIX, alguns arquitetos incorporaram conceitos de desenho ao planejarem um novo campus, mas para a maior parte, a idéia de embelezamento do campus era algo novo e utilizado apenas por algumas instituições.

Em seu estudo de 1941, Lohmann¹⁰ descreveu as escolas como símbolos de inteligência, cultura e atividades recreativas sadias na comunidade, e dizia que seu ambiente devia chegar ao nível desta posição singular. Para o benefício de cada aluno que gasta milhares de horas impressionáveis no ambiente do campus, o ambiente deve ser planejado para o máximo de adaptabilidade, utilização, economia e beleza.

Criando um senso de lugar

O ajardinamento paisagístico distintivo ajuda a criar um senso de lugar. Diferentes tipos de árvores e uma variedade de cobertura de solo proclamam diferenças regionais. Normalmente, o campus é um recinto para pedestres e deve prover oportunidades especiais para os seus habitantes experimentarem o entrelaçar da arquitetura e do ajardinamento paisagístico para o prazer estético.¹¹

Tendo em mente esta informação básica, as orientações que seguem foram desenvolvidas para ajudar os administradores e educadores a planejar e desenvolver um belo campus, para realçar a experiência do aprendizado.

ORIENTAÇÕES PARA EMBELEZAMENTO DO CAMPUS

O conceito do desenho

Um campus belo não se tornará realidade até que a administração da escola reconheça a sua importância e implicações a longo prazo. Portanto o conceito do desenho deve ter prioridade máxima. O administrador, geralmente o diretor ou presidente da instituição, deve prover uma visão daquilo que pode ser feito para melhorar a aparência do campus. Este conceito (ou visão) deve incluir todos os aspectos do desenho do campus. Portanto, o administrador deve pedir a opinião do seu staff, do corpo docente, dos demais funcionários, dos alunos e do povo da comunidade a fim de conseguir seu apoio e auxílio na implementação.

O desenho do campus deve refletir os ideais do adventismo do sétimo dia e

servir de declaração ao público sobre o estabelecimento educacional. Este conceito deve ser desenvolvido como parte do plano mestre em consulta com arquitetos de ajardinamento paisagístico, enfatizando um desenho simples e funcional, que esteja em harmonia com o estilo de vida adventista.

O ambiente

De acordo com o dicionário, "ambiente" significa o conjunto de condições naturais e influências que atuam sobre os organismos vivos e seres humanos. O meio ambiente deve acentuar a atmosfera escolástica da instituição. Deve nutrir o senso de orgulho, disposição de ânimo e paz, bem como dar um senso de renovação espiritual aos alunos, professores e à comunidade. Isso pode ser realizado ao providenciar lindas flores, árvores e arbustos. Pode também incluir passeios bem planejados, em arranjo informal, com flores plantadas ao longo do percurso. Pode também incluir áreas especiais, tais como jardins para meditação e oração, ou pequenos riachos, lagos ou fontes. Efeitos luminosos podem ser usados para chamar a atenção para algum prédio ou jardim específico. O ambiente pode ser controlado pelo desenvolvimento de um senso de lugar e a criação de uma atmosfera que eleva o ânimo.

A estética

Estética tem que ver com beleza e a maneira em que esta é utilizada. A estética agradável dá um senso de respeito próprio e admiração pela escola e seu ambiente. Significa que o ajardinamento paisagístico combina bem com a arquitetura e estilo dos prédios. Quando os arredores são esteticamente agradáveis, os professores e alunos têm um senso de inspiração, apreciação e bem-estar. O uso criativo de luzes pode desenvolver a estética do campus, bem como providenciar um ambiente mais seguro.

Estética é resultado de fazer um pouco extra para um lugar específico a fim de torná-lo especial. Para que um jardim de oração seja esteticamente agradável, o desenhista precisa fazer mais do que simplesmente designar o lugar. O jardim pode tornar-se especial quando se acrescenta luzes, água, música religiosa suave ou um suporte para ajoelhar.

A esquemática

A esquemática é a estrutura que dá apoio aos vários aspectos do

embelezamento do campus conforme designado no plano mestre. O arquiteto paisagista pode ajudar a desenvolver a esquemática, que pode incluir elementos tais como ajardinamento paisagístico, plantações, escoamento, placas, estradas, áreas naturais e distribuição das utilidades. A esquemática deve ter como enfoque as *áreas de entrada* a fim de produzir uma primeira impressão positiva e, em *áreas de uso comunitário*, para promover atitudes positivas para com a instituição. Seria tolice tentar embelezar o campus sem um desenho. O plano mestre deve ser feito para prover estabilidade ao projeto. Caso contrário, os resultados podem não ser o que se esperava. O plano mestre pode também definir as fases do desenvolvimento, bem como estabelecer uma escala das datas para implementação.

O ajardinamento paisagístico

O ajardinamento paisagístico é a melhoria da aparência do solo. É um elemento vital no embelezamento do

campus, pois proporciona oportunidade para desenvolver os vários aspectos do plano mestre, tendo em vista o conceito do desenho. É o meio de desenvolver uma atmosfera natural, limpa e bem mantida. O ajardinamento deve prover beleza física, lugares especiais para meditação, jardins de flores, riachos ou fontes, passeios, caminhos ou trilhos e áreas para recreação. Seus componentes devem combinar com a paisagem natural.

O uso de luzes é um aspecto importante do ajardinamento paisagístico. Colocando-se luzes em locais estratégicos e plantando-se arbustos que não ofereçam esconderijo, pode-se tornar o campus um lugar mais seguro. A perícia do arquiteto paisagista pode servir de ajuda para os administradores ao explorarem uma variedade de idéias e possibilidades.

A responsabilidade

A responsabilidade pela promoção do embelezamento do campus está com os administradores, pois é seu dever desenvolver o campus ao seu potencial

máximo. Em anos recentes, isto tem-se tornado uma grande preocupação por causa da influência que a beleza do campus tem sobre o número de matrículas e a qualidade dos alunos que freqüentam a instituição.

Esta responsabilidade é partilhada pela junta diretiva, por outros administradores, corpo docente, pessoal, alunos, funcionários em geral e pela comunidade. Uma comissão para o embelezamento do campus, com representantes de todos estes grupos, pode aconselhar e orientar a administração quanto ao embelezamento do campus.

A manutenção

Todo o planejamento, trabalho da comissão, praxes e planos mestres pouco servirão se a propriedade não for mantida adequadamente. A manutenção é um grande problema devido às despesas de manter empregados que mantenham o campus sempre belo. Plantas e arbustos de pouca manutenção devem ser usados. Sistemas de irrigação por baixo da terra,

apesar de custarem mais inicialmente, são os menos dispendiosos a longo prazo. Uma escala de manutenção regular economiza tempo e garante a saúde das plantas e árvores.

Os alunos e professores podem escolher certas partes do campus pelas quais ficarão responsáveis. Isto lhes dará grande satisfação ao trabalharem ao ar livre e contribuirão para a beleza do campus. Alguns alunos podem trabalhar com a terra para compensar um pouco de suas despesas escolares. Se possível, um fundo de doações deve ser estabelecido para manter os jardins.

Notas adicionais com relação às orientações

A localização da escola influencia o embelezamento do campus. As orientações aqui apresentadas são designadas para uso no campus adventista tradicional localizado no campo, com abundância de terra. O campus montanhoso ou cheio de colinas requererá outro tipo de embelezamento diferente do campus na planície. O clima afetará a escolha do ajardinamento paisagístico devido aos extremos de temperatura e à precipitação. Algumas plantas e árvores sobrevivem o frio e as doenças bem melhor que outras. O desenho da escola pode ser mais aberto se ela estiver localizada no campo do que na cidade ou centro urbano.

Estas orientações podem ser modificadas para outras partes do mundo.

De maneira geral, as escolas na América do Norte têm invernos que variam de suaves a severos. Em outras partes do mundo o clima pode ser cálido durante o ano inteiro. É claro que isto afetaria a época em que as plantas crescem e o tipo de plantas que devem ser usadas no campus. O índice de chuva também pode ser um fator a ser considerado em algumas regiões.

Alguns desafios que as instituições educacionais adventistas enfrentam com relação ao embelezamento do campus podem requerer uma mudança de filosofia. No passado, quando houve cortes no orçamento, com frequência a manutenção do terreno sofreu ajustes desproporcionais.

O número de matrículas e a qualidade dos alunos podem ser afetados pela aparência do campus. Em pesquisa feita pela Carnegie Foundation,¹² perguntou-se a mil estudantes por que eles escolheram uma determinada universidade. Sessenta e dois por cento responderam que a escolheram por causa da sua aparência. Portanto, a beleza do campus pode ser um fator importante em atrair alunos.

Em campus já em existência, as modificações podem ser graduais, substituindo-se árvores, arbustos, flores, passeios, gramado, luzes e outros elementos do campus a fim de produzir o efeito desejado.

Embora o ideal possa não ser atingido em todas as instituições, o plano mestre pode ser usado como guia para o

desenvolvimento do campus à medida que os fundos para o projeto apareçam. Estas guias devem ser usadas pelas comissões de construção e comissões de planejamento de estabelecimentos educacionais para desenvolver especificações educacionais. Modificações e adições podem ser feitas à medida que forem necessárias.

Nossas escolas devem ser as mais belas e mais bem mantidas. Com um pouco de planejamento e esforço, podemos prover aos nossos alunos o melhor ambiente para a aprendizagem e adoração. ☺

Dr. Larry W. Boughman é professor assistente de educação na Escola de Estudos Graduados, Adventist International Institute of Advanced Studies, nas Filipinas, bem como diretor assistente do Departamento de Educação para a Divisão Asiática do Pacífico, em Cingapura. Ele já foi professor de escola de primeiro grau nos Estados Unidos e nas Filipinas, e obteve seu doutorado na Universidade Andrews, em Berrien Springs, Michigan, E.U.A. em 1991. Sua dissertação tratou do assunto aqui apresentado — embelezamento do campus.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Geoffrey A. Jellicoe, *Studies in Landscape Design* (Londres: Oxford University Press, 1966).
2. Christopher Thacker, *The History of Gardens* (Berkeley, Calif.: University of California Press, 1979), pág. 9.
3. Basil Castaldi, *Educational Facilities: Planning, Remodeling, and Management* (Boston: Allyn and Bacon, 1977), pág. 3.
4. State University of New York, *State University of New York Campus Environmental Improvement Program* (2ª ed.) (Albany, New York State Department of Education, 1988).
5. Thacker, pág. 10.
6. State University of New York.
7. Mavis Batey, *The Historic Gardens of Oxford and Cambridge* (Londres: Macmillan, 1989).
8. Thacker.
9. John B. Jackson, *Landscape* (Amherst, Mass.: The University of Massachusetts Press, 1970).
10. Karl B. Lohmann, *Landscape Architecture in the Modern World* (Champaign, Ill.: Garrard, 1941).
11. William H. Tishler, ed., *American Landscape Architecture* (Washington, D.C.: National Trust for Historic Preservation, 1989).
12. The Carnegie Foundation for the Advancement of Teaching, "How Do Students Choose a College?", *Change* 18:1 (Janeiro/Fevereiro, 1986), págs. 29-32.